

Universidades precisam se reformular para atrair nova geração, dizem especialistas

Diante do desafio de manter as novas gerações interessadas no ensino superior, as universidades brasileiras devem repensar seus formatos de produção e transmissão de conhecimento. As soluções passam por adaptar currículos a problemas cotidianos, colaborar com comunidades locais e trabalhar de forma mais próxima ao ciclo básico, segundo especialistas que participaram de seminário da Folha sobre o tema, realizado nesta quarta-feira (30).

O primeiro painel do evento, que foi promovido em parceria com o Mackenzie, no auditório da instituição presbiteriana, em São Paulo, discutiu a relevância das universidades para a sociedade brasileira e os caminhos para preservá-la.

A quantidade massiva de informações acessíveis a um clique, em meio aos avanços da inteligência artificial (IA), tem impacto direto na relação dos jovens com o conhecimento, de acordo com Joana Guimarães, reitora da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

"Com isso [ferramentas de IA], cria-se a ilusão de que tudo de que eu preciso está no meu celular, então não tenho mais que ir para a universidade, gastar horas do meu dia e anos da minha vida", disse.

O combate a essa ideia começaria pela academia reconhecer que a sua própria relação com o conhecimento também é atravessada por mudanças, que vão desde ferramentas de ensino até amplas reestruturações dos currículos, mas que seus espaços e trocas ainda são muito produtivos.

No caso da técnica, cabe aos educadores intermediar a relação dos alunos com IA e incorporar os instrumentos com potencial de melhorar a aprendizagem, segundo o professor de comunicação Marcos Nepomuceno, que é pró-reitor de graduação do Mackenzie e foi um dos participantes da mesa.

Em relação às grades curriculares, a reitora da UFSB afirmou que os formuladores dos cursos estão muitas vezes presos a temas de interesse próprio e desconectados de demandas da sociedade. Ela contou que fez sua primeira graduação, em engenharia, e só foi entender a aplicabilidade de equações diferenciais quando começou a trabalhar com modelagens, depois de formada, embora tenha se saído bem nas disciplinas da faculdade.

Falta ao corpo acadêmico, acrescentou Joana, descer de um pedestal de "grande detentor do conhecimento" para trocar saberes com as comunidades próximas, que podem ajudar a compor o cenário de ensino.

A aplicação prática das aulas de cálculo também se revelou tardia na formação do economista e superintendente do Instituto Unibanco, Ricardo Henriques. Ele defendeu que as universidades atualizem sua abordagem com estratégias de resolução de problemas e enfrentamento da realidade. Deu como exemplo cursos de engenharia que simulam cenários e incentivam discussões coletivas antes do ensino da teoria.

"Com uma impressora a laser, desenha-se uma ponte que é submetida a situações de estresse. Aí a ponte quebra. Quando isso acontece, o estudante começa a entender problemas de resistência, curvatura, topologia. Depois, ele vai aprender a fazer conta."

Outra possível forma de atrair interesse ao ensino superior, segundo Henriques, seria diminuir o tempo mínimo de conclusão dos cursos e oferecer microcertificações —certificações de curta duração em áreas de conhecimento diversas e obtidas no decorrer da formação principal.

O economista ainda propôs uma mudança mais estrutural ao afirmar que letramento digital, decomposição de problemas complexos e soluções algorítmicas são habilidades que deveriam ser ensinadas no ciclo básico de educação, e não só na universidade.

"O campo de competências que nos constituem como seres pensantes mudou de patamar, e por isso a construção de conhecimento na universidade precisa estar além."

Bruno Bioni, diretor da associação Data Privacy Brasil de Pesquisa, que também esteve presente no painel, abordou os desafios por trás da produção de dados no Brasil e no mundo e apontou o papel da universidade em relação a como essas informações e as ferramentas de IA são preparadas.

"Por ter séries históricas de dados, por exemplo na área da saúde, o Brasil tem um potencial gigante para explorar e constituir bancos de dados que respondam a desafios concretos. Mas tem que ter governança, tem que ter um embate crítico reflexivo de como a gente produz e faz a curadoria desses dados."

O evento foi mediado pela repórter especial da Folha Laura Mattos, que escreve sobre educação.